



Revista de Ciências da Administração

ISSN: 1516-3865

rca.cse@contato.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Pacifico Filho, Miguel; Cardoso Cançado, Airton; Pontes Borges, Thelma
A Sociologia de Michel Maffesoli e a Gestão Social: gerencie-me ou te devoro
Revista de Ciências da Administração, vol. 17, 2015, pp. 30-44
Universidade Federal de Santa Catarina
Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273543118002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A SOCIOLOGIA DE MICHEL MAFFESOLI E A GESTÃO SOCIAL: GERENCIE-ME OU TE DEVORO

*The Sociology of Michel Maffesoli and the Social Management:
manage it, or it will devour you*

Miguel Pacifico Filho

Professor Adjunto do curso de Gestão de Cooperativas da Universidade Federal do Tocantins. Doutor e Mestre em História pela UNESP/Assis. Araguaína, Tocantins, Brasil. E-mail: migfilho@terra.com.br

Airton Cardoso Cançado

Doutor em Administração pela UFLA. Professor Adjunto do curso de Administração da Universidade Federal do Tocantins. Palmas, Tocantins, Brasil. E-mail: airtoncardoso@yahoo.com.br

Thelma Pontes Borges

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP Professora-Assistente do curso de Gestão de Cooperativas da Universidade Federal do Tocantins. Araguaína, Tocantins, Brasil. E-mail: thelb@terra.com.br

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de aproximar dois referenciais: de um lado, a sociologia de Maffesoli e sua análise da contemporaneidade por meio da relativização de pressupostos sociológicos e filosóficos acerca da realização plena da humanidade em projetos ancorados em um devir e, de outro, a Gestão Social, que se apresenta como proponente de práticas alternativas ao pensamento administrativo tradicional, centrado na racionalidade utilitária. A partir da metodologia de análise comparativa, são demonstradas as proposições-chave na obra de Maffesoli, o politeísmo popular e a socialidade, relacionando-os com a Gestão Social e suas discussões em torno da dialética negativa, do interesse bem compreendido e da esfera pública. Concluiu-se que a Gestão Social se propõe a equacionar questões da contemporaneidade apontadas pela sociologia maffesoliana e que esta pode oferecer àquela os elementos para que se posicione como uma gestão para o que é, no presente, e não somente para o que deve ser, no futuro distante e impreciso.

Palavras-chave: Gestão Social. Michel Maffesoli. Presente.

Abstract

We aim to bring two frames: the sociology of Maffesoli and his analysis of the contemporary world through the relativization of sociological, philosophical and theological assumptions about the humanity of completing projects anchored in a becoming; and Social Management that presents itself as a proponent of practical alternatives to traditional management thinking focused on utilitarian rationality. As benchmarking methodology demonstrate key concepts in the work of Maffesoli, popular polytheism and sociality; relating them to the issues concerning the Social Management and its surrounding discussions of negative dialectics, well understood interest and public sphere. We conclude that the Social Management proposes to equate the contemporary issues raised by maffesoliana sociology, and this can offer to that element to be positioned as a management for what it is, for the present; and not only for what should be, to a distant and undefined future

Keywords: Social Management. Michel Maffesoli. Present.





1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir do início da década de 1990, período que coincide com o surgimento das discussões de desenvolvimento da Gestão Social como campo de conhecimento, surge também o consenso oriundo de diversos setores sociais em torno de uma palavra que desperta a atenção e o cuidado tanto na análise dos dados que seguidamente são divulgados quanto nas propostas para a reversão do quadro que demonstram: crise. Segundo Dowbor (2012, p. 227), “[...] nas últimas décadas fechamos o horizonte estatístico do planeta”. Parafraseando ainda esse mesmo autor, pode-se enumerar, ou mesmo selecionar, a crise que nos pareça mais ameaçadora: crise na habitação, na mobilidade urbana, na saúde e crise na educação.

Esse quadro é gerador de temas passíveis de análises micro ou macrosociológicas. É possível encontrar análises cujas propostas são de acomodação a uma suposta realidade de supremacia do capital, sendo necessárias apenas algumas adequações para ajustar nações e populações à lógica de produção/consumo, atingindo, assim, o fim da História, através da constituição do chamado último homem, alicerçado no capital (FUKUYAMA, 1992). De acordo com essa linha de pensamento, a chave para equacionar desigualdades sociais seria a palavra adequação. Adequação a um *modus vivendi* baseado na reverência ao crescimento econômico como objetivo primeiro.

Sabe-se que o século XX é caracterizado por aquilo que já foi denominado pelo historiador Eric Hobsbawm como a Era dos Extremos. O período compreendido entre os anos de 1914 e finais do ano de 1991 foi marcado pelos dois maiores conflitos armados da História. Aperfeiçoou-se nesse período, como em nenhum outro anteriormente, tecnologias de extermínio em massa com amplo apoio de setores da comunidade científica. A industrialização gestou imensas corporações cuja finalidade última é a produção de bens de consumo, e grandes concentrações demográficas surgiram, tornando a cidade um foco permanente de novos problemas. Nesse cenário, Estados e mesmo empresas passaram a ser chamados de impérios em publicações cotidianas.

Há alternativas propositivas e analíticas para equacionar tais questões? Entende-se que a sociologia de Michel Maffesoli e sua centralidade interpretativa,

calcada na percepção das características que marcam o tempo vivido, na busca pelo estar junto, oferece significativa contribuição interpretativa à Gestão Social que, grosso modo, entende que a sociedade deve ser protagonista em sua relação com o mercado. Dito isso, o objetivo, neste texto, é desenvolver aproximação entre a Gestão Social e a sociologia de Michel Maffesoli a partir de conceitos/referências centrais às respectivas áreas. Tal aproximação se justifica a partir do entendimento de que a sociologia maffesoliana se propõe a verificar as redes subterrâneas de força que se formam nos setores populares a partir de um estar junto nas feiras, nas festas populares, nos jogos. A percepção dessas redes, trazida às discussões envolvendo a Gestão Social, pode lhe ofertar aporte teórico capaz de ampliar debates acerca de um reposicionamento na relação sociedade-mercado.

A partir do que foi exposto, objetiva-se desenvolver análise de aproximação entre as propostas teórico-práticas da Gestão Social a partir de sua percepção da necessidade de mediação das forças que emergem dos vários grupos sociais a fim de tornar a sociedade protagonista em sua relação com o mercado, por um lado e, de outro, a sociologia de Michel Maffesoli, cujas propostas de interpretações sociológicas se fundamentam na busca pela valorização do presente, do hedonismo, de um estar junto capaz de construir redes de poder entre as chamadas pessoas comuns. Como opção metodológica, utiliza-se a hermenêutica, na perspectiva adotada por Paul Ricoeur (1978; 1990), que:

[...] chama a atenção para a interpretação de textos, para o papel da hermenêutica como um guia metodológico na leitura e escrita de obras e textos – teóricos ou poéticos. Uma interpretação hermenêutica requer uma atitude metodológica e uma atitude ontológica, cujo pressuposto é a filosofia reflexiva. Ricoeur destaca a relevância da dialética da compreensão e da dialética na explicação da interpretação. Também merecem especial atenção elementos como a palavra, o mito, a poesia, o símbolo, o signo, porque são expressões da linguagem humana, a qual não se isenta de materiais advindos das ideologias e das utopias do campo sociocultural e político. (SILVA, 2011, p. 1)

A aproximação, assim, que se está propondo, na perspectiva filosófica de análise textual, baseada na dialética interpretativa, busca delimitar e relacionar

conceitos/proposições-chave tanto na Gestão Social quanto na sociologia produzida por Michel Maffesoli. Para isso, o presente artigo encontra-se dividido em três partes, a saber: 1) na primeira delas deter-se-á no atual estado da arte das discussões envolvendo a Gestão Social e se expõe uma relação possível com a sociologia de Maffesoli a partir da constatação de que ela propõe a demonstração de espaços e forças criadas pelos chamados *homens sem qualidades*, cuja vida cotidiana se encontra ancorada no presenteísmo hedonista e, portanto, não calcada na racionalidade; 2) na segunda parte, será demonstrado o pensamento de Michel Maffesoli, partindo de dados biográficos e de sua conexão com uma nova postura de interpretar o Brasil por parte de pensadores europeus; e 3) na terceira, serão apresentadas à Gestão Social questões propostas pela sociologia maffesoliana: será a Gestão Social uma gestão que se propõe a tratar *aquilo que é*, presente vivido, ou será uma gestão sempre a visualizar *aquilo que deve ser*, focada em um horizonte incerto e distante de sua dimensão empírica? Nota-se que a Gestão Social e seu contraponto à racionalidade utilitária tradicionalmente percebida na Administração encontram paralelos nas propostas de interpretação do social estruturadas por Maffesoli na medida em que ele também procura visualizar a potência social naquilo que não está calcado na racionalidade.

2 A GESTÃO SOCIAL E SUA CONEXÃO COM A SOCIOLOGIA DE MICHEL MAFFESOLI

O contexto já exposto é aquele que vê nascer e se desenvolver a Gestão Social, propositora de um novo paradigma de gestão. De acordo com Carrion (2012), a gestão social se constitui em um *locus* de clara disputa política pelo modelo de sociedade, de ordem mundial, do atendimento à necessidade de criação de conexões, sob o novo cenário nacional e internacional das pontas desatadas dos diversos movimentos sociais, bem como do debate do desenvolvimento em contraponto ao crescimento econômico. Também, da necessidade de se desenvolver soluções para se equacionar a crise ambiental, assim como da necessidade de estruturação de suportes teóricos capazes de originar espaços de intermediação entre a reflexão sobre a cidadania e a questão econômica. Cabe dizer que a Gestão Social

não se presta a engrossar o coro de grande apelo midiático das respostas prontas aos mais diversos problemas sociais. Há claras e acaloradas discussões em torno de suas propostas e delimitações conceituais e é possível dizer que já se consolidam espaços dedicados aos debates sobre o assunto, como é o caso do Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social (ENAPEGS) e da Rede Brasileira de Pesquisadores em Gestão Social (RGS)

Uma explicação sobre a estruturação do conceito de Gestão Social encontra-se em Cançado, Pereira e Tenório (2013); contudo, este último fornece uma determinada perspectiva, para quem essa construção aconteça através da análise de dois pares de palavras: *capital-trabalho* e *Estado-sociedade*, em ordem propositalmente invertida, resultando na seguinte configuração: *sociedade-Estado* e *trabalho-capital*. Dessa inversão, propõe-se a hierarquização em importância da sociedade e do trabalho, adicionando-se um novo par, *sociedade-mercado*, representando tais conexões o processo de interação da sociedade civil organizada com o mercado, no qual a sociedade deve também ser protagonista. Em uma aproximação teórica, com o intuito de contribuir com a delimitação do campo da Gestão Social, Cançado, Pereira e Tenório (2013) consideram três grandes categorias teóricas: Interesse Bem Compreendido, Esfera Pública e Emancipação, mediadas pela dialética negativa de Adorno (2009), conforme Figura 1.



Figura 1: Aproximação teórica para a gestão social
Fonte: Adaptada de Cançado, Pereira e Tenório (2013)

A Esfera Pública apresentada na Figura 1 se refere a uma *nova* Esfera Pública que consiga aproximar a população da política, configurada pela tomada de decisão coletiva, sem coerção, baseada na transparência e no entendimento. O Interesse Bem Compreendido, resgatado da obra de Tocqueville (1997), se refere à interdependência entre bem-estar coletivo e bem-estar individual ou, em outras palavras, o interesse coletivo é pré-condição para o interesse individual de forma sus-



tentável. Emancipação, por fim, refere-se a pensar por conta própria, livrar da tutela (CANÇADO; PEREIRA; TENÓRIO, 2014), ao passo que a dialética negativa adorniana é construída a partir da tese e antítese, sem pretensão de síntese (ADORNO, 2009). Essa aproximação teórica considera essas categorias como tipo ideal weberiano, que se (re)constrói à medida que acontece, pois, obviamente, elas não vão existir na realidade de forma plena. A inter-relação entre as categorias teóricas é o cerne da proposta. Quanto mais Emancipação na Esfera Pública com essa configuração, mais se avança no Interesse Bem Compreendido, e vice-versa, em uma relação dialética negativa, sem síntese (CANÇADO; PEREIRA; TENÓRIO, 2013). Nessa perspectiva, fica clara a relação processual de construção e reconstrução da Gestão Social.

Assim, a proposta da Figura 1, de certa forma, delimita a Gestão Social e, mesmo que seus autores a considerem, ainda, incompleta, ou, em suas palavras, *feita a lápis*, ela fornece elementos para entender a proposta da Gestão Social em relação à sociologia maffesoliana. É importante ressaltar a incompletude latente nessa aproximação teórica, que sempre se reforça na medida em que acontece, ou, ainda, se enfraquece, quando não se efetiva. Não se pode dizer que determinada gestão pode ser qualificada como Gestão Social, mas sim que apresenta traços e/ou indícios fortes ou fracos de Gestão Social. Ainda que, segundo alguns autores, a Gestão Social esteja incompleta, é possível observar em meio à produção recente em sua área que há aqueles que afirmam ser possível encontrar, em seu interior, correntes teóricas e fundamentos conceituais. Segundo dois destes estudiosos:

[...] apesar disso, a área já conta, no Brasil, com estudos e debates dotados de atributos quantitativos e qualitativos que permitem indicar possíveis correntes teóricas e extrair alguns fundamentos conceituais que parecem indicar certo consenso. (PERES JR.; PEREIRA, 2014, p. 2)

Portanto, é possível verificar o atual estágio dos debates envolvendo a Gestão Social, que seus proponentes ora entendem ser um campo em construção, ora haver já a possibilidade de consenso conceitual. Pesquisadores da Gestão Social buscam insistentemente ressaltar seu caráter não prescritivo, sobretudo dentro das armadilhas das propostas alicerçadas na panaceia do participacionismo. É possível vê-los em diversos

momentos cientes dos novos problemas advindos da chamada contemporaneidade ou pós-modernidade, de acordo com a denominação que se queira dar a uma mesma época e, nesse ponto, pode-se dizer que se encontra a conexão das discussões até neste ponto apontadas com o pensamento de Michel Maffesoli. Segundo Silva (1997, p. 45)

[...] na esteira da pós-modernidade desestabilizadora, que varre as certezas iluministas tão caras aos intelectuais destituídos de poder econômico, mas enriquecidos por esse tipo de distinção social, Maffesoli continua a mostrar a força criativa dos ‘homens sem qualidades’, do hedonismo e do presenteísmo.

Tem-se, então, o primeiro contato neste trabalho com o francês que já fora qualificado como o sociólogo do cotidiano e da banalidade, ou seja, mentor de todo um arcabouço teórico desenvolvido no sentido de verificar as ações daqueles indivíduos anônimos, construtores de uma sociabilidade subterrânea, ignorada pelo *stablishment* e, paradoxalmente, geradora de significativas forças sociais. Nesse sentido, Carrion (2012, p. 265,) diz que “[...] as formas de sociabilidade também foram alteradas pelo conjunto de mudanças ocorridas nas últimas décadas. Os conflitos são de outra natureza, e solucioná-los vai exigir novos e inventivos caminhos”. Ainda segundo essa mesma autora, a Gestão Social é um instrumento propositor de um determinado tipo de revolução política, uma revolução que não se enquadra nos moldes apresentados pelo marxismo ortodoxo por não remeter à luta de classes, mas à criação de distintos padrões de relação social.

Também neste ponto é possível encontrar paralelos com o pensamento de Maffesoli, sobretudo em suas discussões encontradas na obra *A Conquista do Presente* (2001a), na qual postula combate ferrenho às teorias do devir, ou seja, aquelas que, de Santo Agostinho a Karl Marx, propõem sempre a construção de um futuro idílico, quer seja formado pelas cores brancas celestiais na vida após a morte quer materializado pelo controle dos meios de produção pelos operários. Outra autora, Sayago, também chama a atenção para a conexão entre as práticas da Gestão Social e as questões apresentadas pelas atuais configurações sociais. Segundo Sayago (2012, p. 275), “[...] a fragmentação, a crise das totalidades e das representações, a falência das utopias, enfim, a crise da pós-modernidade, são

alguns rótulos pelos quais se busca identificar a natureza da contemporaneidade”. Reside nesta colocação mais uma possibilidade de conexão entre aquilo que é defendido pela Gestão Social e a sociologia construída por Maffesoli, ou seja, a falência das utopias dá lugar à necessidade de observação, problematização e valorização do instante vivido. Parafraseando o sociólogo francês: o presente, é preciso vivê-lo.

Tal postura propositiva de imersão na vida é também encontrada na Gestão Social quando esta, através de suas propostas de atuação prática, propõe que alunos/pesquisadores façam imersão em contextos sociais diferentes de seus habituais espaços sociais através das chamadas Residências Sociais:

[...] a Residência Social é uma tecnologia de ensino, desenvolvida por Fischer (2001), no âmbito do Programa em Desenvolvimento e Gestão Social da UFBA que busca proporcionar ao aluno um espaço de aprendizagem prático reflexivo a partir de sua imersão continuada em contextos práticos organizacionais diferentes dos seus contextos habituais de ação. (BOULLOSA; BARRETO, 2010, p. 184)

A imersão na vida como ela é, sua percepção e compreensão permitem ao estudante/pesquisador entrar em contato com o dionisíaco, a festa, o trabalho, com aquilo que é racional na vida do chamado *homem comum* e, igualmente, com os seus momentos de ludicidade. Observa-se, então, que aquele que se apresenta como o cerne desse texto, aquele cujas propostas interpretativas para a pós-modernidade, ou contemporaneidade, está relacionado com as questões levantadas pela Gestão Social: Michel Maffesoli. Quais seriam as possíveis contribuições, para a relação que se desenvolve, advindas da obra do sociólogo francês, reconhecido estudioso da vida cotidiana, das chamadas tribos urbanas, do hedonismo presenteísta vivido nas atuais *raves* ou nos megafestivais de música? Quais seriam as contribuições do autor que inicia uma de suas obras, *A Parte do Diabo – resumo da subversão pós-moderna* (2004), de forma tão intencionalmente provocativa dizendo:

Não existe nada pior que alguém querendo fazer o bem, especialmente o bem aos outros [...] é, mais uma vez, em seu nome que se de-

creta o que *deve* servido e pensado, como se deve viver e pensar, e que se declara tabu esta maneira de viver ou aquele objeto de análise. Este universalismo foi a justificação de todos os colonialismos, dos etnocídios culturais que constituíram a marca da ocidentalização do mundo a partir do fim do século XIX. (MAFFESOLI, 2004, p. 11-12)

Não seria a racionalidade utilitária do pensamento administrativo uma forma de fazer o bem a que se refere Maffesoli? Não seria essa racionalidade uma forma de instaurar um tipo de *dever ser* ou mesmo de um *como fazer prescritivo* cuja finalidade última seria proporcionar aos socialmente sem voz o *bem*? Avesa a prescrições e atenta às atuais configurações e questões sociais inerentes à pós-modernidade/contemporaneidade, acredita-se que a Gestão Social, ao agregar em suas proposições interpretativas a perspectiva sociológica maffesoliana, pode assimilar significativo arsenal interpretativo acerca do contexto em que ela própria se constrói. Pode-se fundamentar tal proposição a partir da observação das discussões que envolvem e demonstram o caráter prático da Gestão Social, por meio do qual se propõe que seu posicionamento se configure a partir da posição da mediação entre os diferentes atores que compõem o social. Ora, se há a percepção de que é necessária a mediação, subentende-se que há igualmente o reconhecimento de que mesmo aqueles setores que não se originam de locais sociais favorecidos são capazes de gerar força suficiente para interferir no arranjo social:

[...] pluralidade de atores, permeado pelos objetivos e particulares inerentes aos atores envolvidos, traz consigo a multiplicidade dos centros de poder. As diferenças entre naturezas (empresários, organizações sociais, poder público, movimentos, interorganizações, etc.) e as características (poder político, poder econômico, articulação teórica, capacidade de mobilização, etc.), se não equalizadas, condicionariam um processo decisório onde a participação não se daria com igualdade de manifestação [...] neste aspecto Fischer (2002) e Fischer e Melo (2006), centram o papel do gestor social como mediação transformadora. (CANÇADO; TAVARES; DALLABRIDA, 2013, p. 27-28)



3 O PENSAMENTO DE MICHEL MAFFESOLI

Michel Maffesoli, sociólogo francês, professor na Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne, ocupante da cátedra que pertenceu a Emile Durkheim e diretor do Centro de Estudos do Atual e Quotidiano (CEAQ), é um dos principais especialistas mundiais no assunto em questão e carrega nesses pequenos traços biográficos credenciais suficientes para justificá-lo como referência teórica de muitos trabalhos apresentados por pesquisadores brasileiros das diversas áreas das Ciências Sociais e Humanas. No entanto, e em consonância com as próprias ideias por ele propostas e defendidas, não será e não é esse o principal fator que atualmente lhe confere lugar de relevância dentro da academia brasileira.

De acordo com Da Costa (1997, p. 7), “Maffesoli inclui-se numa forma renovada de relacionamento estabelecido entre intelectuais estrangeiros e a cultura brasileira”. Se, em um passado não muito distante, o Modernismo propunha a metáfora da antropofagia, que implicava na recriação de ideias vindas do exterior, como se fossem nossas, atualmente já existem devoradores alienígenas, europeus, invertendo o sentido da metabolização. Poucas teorias contemporâneas podem ser tão férteis para a compreensão do Brasil como as de Maffesoli. Veja, nesse sentido, o seguinte exemplo: a partir de suas teorias é possível ressignificar o lugar comum interpretativo que conecta uma suposta apatia do povo brasileiro em relação à política. Torna possível, também, atribuir valor/significado ao ato de alçar à categoria de Deus, pela via dos politeísmos maffesolianos, o anjo torto Romário, capaz de driblar com maestria não somente seus adversários em campo como também os ditames da ciência esportiva defensora da eficiência via repetição/treino/absenteísmo sexual às vésperas das partidas.

Seria esse um culto à desordem? Uma forma de resistência não captada/valorizada pela *intelligentsia*? Cabe dizer que, no ano de 2011, o atleta foi entrevistado pelo jornalista Fernando Rodrigues no estúdio do Grupo Folha em Brasília, como convidado do programa *Poder e Política* e, na narração de abertura, foi apresentado como ex-jogador de futebol, 45 anos, Deputado Federal, sexto mais votado pelo Estado do Rio de Janeiro, bem como defensor dos portadores de deficiência mental, crítico ferrenho da CBF e da forma

como o governo brasileiro organiza a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Eis o politeísmo maffesoliano.

Em sua obra *O Tempo das Tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa* (2006), Maffesoli apresenta suas discussões acerca daquilo que chama de *o politeísmo popular, ou a diversidade do deus*, dizendo que vale apenas insistir, de maneira metafórica, na convocação dos deuses para nos esclarecer a respeito do social. Recorre a uma particularidade essencial da tradição judaica, depois assimilada pelo cristianismo, que é o monoteísmo intransigente. Afirma, a seguir, que, uma vez colocado esse princípio, passam a existir mil maneiras de transgredi-lo. A partir disso, Maffesoli desenvolve em sua obra *A sombra de Dioniso* (1991) que o culto dos santos pode ser interpretado como uma brecha politeísta no rigor do monoteísmo. Dessa maneira, nas práticas populares – peregrinações, culto dos santos, festas religiosas ou na sofisticação lógica, a alteridade, o estranho ou o estrangeiro têm tido numerosos dispositivos de conservação que permitiram resistir à simplificação ou mesmo redução unitária a uma. *A comunhão dos santos*, que é uma das bases da prece monástica, e a efervescência popular remetem, de maneira eufemizada ou atualizada, um estar-junto que é, por construção, diverso e polifônico.

Como resultado dessa sofisticada operação de apropriação e ressignificação de Deuses/Santos, o homem comum, o brasileiro, supostamente alheio à política e aos jogos do poder, cria, à parte de um palco oficial das disputas, uma potência subterrânea capaz de converter o torto, herói da bola e cavaleiro das insígnias da displicência/desobediência, em representante político capaz de versar sobre os bastiões da civilidade, em cadeia nacional, Poder e Política. Em uma de suas célebres frases, encerra aquilo que fora estudado por Weber e que traduz um determinado tipo de sabedoria: treinar para quê? Diz-nos Weber (2002, p. 93), em sua obra *A política como vocação*, “[...] que a sabedoria popular nos ensina que uma coisa pode ser verdadeira ainda que não seja, e quando não é realmente nem bela, nem santa, nem boa”. Contudo, esses são os casos mais elementares da luta que opõem os deuses das diferentes ordens e dos diferentes valores. Eis um dos exemplos da possibilidade de interpretação das especificidades da sociedade brasileira à luz do trabalho de Maffesoli.

Autor de vários livros sobre a sociologia do presente, entre os quais *A Violência Totalitária* (2001), *A Conquista do Presente* (2001), *O Tempo das Tribos* (2006) e *A Parte do Demônio – Resumo da Subversão Pós-Moderna* (2004), foi classificado por seus pares como o sociólogo do cotidiano, da banalidade; teórico das pequenas redes subterrâneas de solidariedade que, imperceptíveis tanto para o macrosensor Estado quanto para a *intelligentsia* perdida na bifurcação política-economia, geram potência social capaz de imprimir coerência por meio de um contínuo presenteísmo hedonista cultor de um estar-junto. Pode-se assim entender o pensamento de Maffesoli:

[...] nas relações cotidianas o que prevalece é um ‘querer-viver’ intenso e um desejo de ‘estar-junto’ fecundo, observáveis a partir de uma sociologia que destaca as minúcias da vida comum e diária como sendo em grande medida responsáveis pela perduração da coesão social. É no espaço da vida cotidiana que se pratica uma socialidade paralela, uma socialidade subterrânea – ‘*socialite souterraine*’, ‘*socialite aunoir*’ – que mais poderosa que o social oficial (a razão, o Estado, a economia, a política, a sexualidade oficializada etc.) e agindo como uma toupeira, torna-se potência criadora de resistências e também de um ‘corpo mole’ geral que – associados a uma ‘sabedoria dos limites’ – constituem, na vida dos indivíduos e das massas, uma disposição de afrontamento-e-aceitação do ‘destino’ orientada pelo prazer do cotidiano. (SOSA FILHO, 2001, p. 10)

Essa vida comum, que se passa nas feiras, nos campos e nas quadras de futebol/esportes espalhadas pelos bairros, nos pontos de ônibus, nas escolas, nas igrejas, nas festas, nos *shows* de rock, nas *raves*, nos bingos, nas festas de santos, nos rodeios, nos rachas, nos bailes/festas de rua, enfim, em quaisquer lugares onde se reúnam o homem comum, ordinário, aparentemente desinteressado, aparentemente alheio a seu mundo e às grandes questões eleitas pela academia, é a base para as observações e propostas de entendimento de um mundo, não captado pelas Ciências Sociais, das propostas formuladas por Maffesoli. Um estar-junto de milhares, celebrando transgressoras divindades da bola, contraditórias, displicentes, engajadas, resistentes, apáticas, cujos nomes são gritados por um coro cuja força é capaz de cravar nomes na História.

Cabe dizer que sua sociologia enfrenta/afronta boa parte dos pilares da sustentação das interpretações das Ciências Humanas e Sociais na academia, ou seja, constrói um contraponto às profecias de cunho religioso e científicas e demonstra como ambas buscam um fim comum, o alcance inequívoco do paraíso. Diz Maffesoli (2001a, p. 13):

[...] em muitos de meus livros, de modo particular em *A Violência totalitária* (1979), expliquei que um dos fundamentos, se não o fundamento, da tradição ocidental foi constantemente uma espécie de *contemptus mundi*: desprezo desse mundo. Onde, de Santo Agostinho a Marx, a procura, sob diversas formas, de uma sociedade perfeita: devendo-se atravessar um ‘vale de lágrimas’ para chegar, mais tarde, à verdadeira vida. Desde então, o futuro passou a ser a única temporalidade legítima.

Vive-se um permanente devir. A vida plena, de júbilo pelo estar junto, de gozo dos prazeres, da festa, da plenitude da paz, só seria possível e passível de ser alcançada pelos homens comuns e por eles aproveitada e vivenciada sem culpa no reino dos céus, segundo as interpretações teológicas de origem judaico-cristã e na ditadura do proletariado segundo a filosofia marxista. Os excessos, as transgressões, a violência, a prática do mal, a proximia, o hedonismo, o culto a Dionísio, seriam todas imperfeições a serem extirpadas do homem comum, incompatíveis com o alabastrino celestial ou o vermelho do operariado.

4 QUESTÕES DA SOCIOLOGIA MAFFESOLIANA PARA A GESTÃO SOCIAL: GERENCIE-ME OU TE DEVORO

Entre as definições possíveis para a Gestão Social encontra-se aquela que se propõe a estabelecer relação direta com questões de nosso tempo. Segundo Boullosa e Schommer (2010, p. 66), a Gestão Social passa a “[...] representar um modo especial de problematizar e gerir as realidades sociointeracionais complexas”. Tais realidades são demonstradas aqui pelas interpretações sociológicas de Michel Maffesoli e expõem uma série de complexidades que, pela própria leitura do jornalismo cotidiano, nos mostra que não possuem ainda modelos gerenciais capazes de desenvolver propostas



de políticas públicas capazes de entendê-las e mesmo lidar com elas.

O primeiro e grande desafio para a Gestão Social é o de definir para si, à luz do pensamento maffesoliano, à qual temporalidade ela se dedicará. Irá ela se posicionar, a exemplo da teologia agostiniana e da filosofia marxista, como mais um instrumento de busca por paraísos cantantes, atingidos somente após a correta execução de determinadas estratégias gerenciais, aperfeiçoadas e testadas à exaustão, na intermediação entre Estado, Sociedade e mercado? A proposta de desenvolvimento de uma governança alternativa aos modelos hierarquizados será capaz de desenvolver práticas adequadas a uma época que, muito mais do que crises, demonstra que o isolamento social dos indivíduos pode ser visto como o tempo das tribos, o tempo em que se observa a formação de diversos grupos que se organizam no tecido social à revelia de utopias ideológicas ou projetos de futuro.

Como ir além da cantiga acadêmica composta por lugares comuns que repetem à exaustão os mesmos versos: cidadania, Estado, República, contrato social, liberdade, sociedade civil, projeto?

É possível ver, então, quais questões, pontualmente, são passíveis de aproximação e questionamento entre a Gestão Social e a sociologia maffesoliana. Para isso, são percorridos dois momentos. No primeiro deles são demonstradas as propostas contidas na obra de Michel Maffesoli intitulada *O Tempo das Tribos – o declínio do individualismo na sociedade de massa* (2006) e, no segundo, são expostos os pressupostos contidos na obra *A Conquista do Presente* (2001). Em ambos, são feitas, igualmente, aproximações com a Gestão Social. O quadro apresentado a seguir constitui-se em tentativa de antecipação da relação proposta e que será devidamente aprofundada nos tópicos que perfazem o restante do trabalho.

PROPOSIÇÕES DA GESTÃO SOCIAL	PROPOSTAS DA SOCIOLOGIA DE MICHEL MAFFESOLI	APROXIMAÇÕES
Dialética negativa/Interesse bem compreendido/Esfera pública. Contraponto à racionalidade utilitária	Politeísmo popular e Presenteísmo hedonista não calcado na racionalidade	A busca pelo consenso a partir de ancoragem no presente, nos mais diversos espaços de convívio: feiras, jogos esportivos, filas, <i>shows</i>
Tomada de decisão coletiva	Socialidade	O estar-junto como variável inicial para as diversas ações decisórias de cunho coletivo
Sociedade – Estado/trabalho – capital	Indivíduos anônimos, construtores de uma sociabilidade subterrânea	Nas duas proposições observa-se o protagonismo do social e seus componentes em relação ao mercado e ao Estado
Contemporaneidade marcada pela crise das totalidades e representações, falência das utopias. Problematicar e gerir as realidades sociointeracionais complexas	Combate às teorias do devir, propositoras de um modelo de sociedade perfeita baseadas em Santo Agostinho e Karl Marx	A referência para a proposição de alternativas às questões sociais deve partir da <i>sociedade que é</i> e não da <i>sociedade que deve ser</i>
Residência social	Problematização e valorização do instante vivido	Valorização do presente, daquilo que ocorre no agora

Quadro 1: Aproximações entre a sociologia de Michel Maffesoli e as proposições da Gestão Social

Fonte: Elaborado pelos autores deste artigo

5 O TEMPO DAS TRIBOS

Na primeira das referências, *O Tempo das Tribos*, Maffesoli caracteriza a chamada pós-modernidade como um retorno exacerbado do arcaísmo e questiona as proposições acadêmicas crenes no anacrônico mito do Progresso, centrado numa permanente evolução, uma linearidade histórica capaz de superar-se através

de seguidas passagens por *fases ou etapas*. Tanto nesse trabalho quanto em outros, acentua a importância atribuída ao prazer de *estar-junto, a partilha da intensidade do momento, o gozo do mundo como ele é*. Para as chamadas tribos contemporâneas, tais *procedimentos* são mais importantes do que alcançar um resultado, incerto e num tempo futuro não sabido, por meio de um projeto construído a partir de teorizações generalistas, muitas vezes gestadas em contextos socioculturais

muito distintos. Para Maffesoli, mais importante é o que chama de *ingressar*, entrar nesse mundo, fazer parte dele; isso é o que importa. Estabelecendo um paralelo deste início de exposição com as questões apresentadas pela sociedade brasileira:

[...] observando, por um momento, a cena brasileira, é impossível não pensar na arrogância do ‘pensamento único’ que quer, a qualquer preço social, que um país de variedade cultural rara e de disparidades tão flagrantes de grau de desenvolvimento econômico tenha, obrigatoriamente, um compromisso urgente com a modernidade, sob pena de não ser ‘igual aos melhores’, ‘racional’, ‘pragmático’ [...] a esse suposto triunfo de uma *norma* aplastrante que ‘racionaliza a força (o que *per se* é ilógico...)', Maffesoli revela aquilo que a sociologia produtivista e aburguesada não tinha o menor interesse em tratar: das diferentes formas de anomia, do pagão, do lúdico, da efervescência social, do imprevisível e do desordenado. (NEVES, 2006, p. XII, grifos do autor)

É possível afirmar que há atribuição de centralidade nas propostas maffesolianas no que diz respeito à afirmação e à defesa nas chamadas sociedades contemporâneas ocidentais do *comunitário* e do *grupal*. Essa coletividade específica apontada pelo autor forma-se e pode ser identificada a partir de observações direcionadas por pontos de partida específicos. O chamado *tribalismo* é entendido como um fenômeno cultural, muito antes de ser social, político ou econômico. Cabe, então, uma pergunta: como se daria a constituição, a formação das chamadas tribos? Há a proposição de um termo: *ingresso*. De acordo com Maffesoli (2006), é um termo que, à semelhança daquilo que se pode compreender em determinadas línguas neolatinas como o espanhol, o italiano e o português, ressalta o fato de poder existir um caminho que não tenha objetivo, uma marcha sem fim. Um entrar – *ingressa* – sem progredir – *progressa*.

Esse entrar sem necessariamente progredir, ou mesmo com vistas a um determinado tipo de progresso de acordo com as interpretações acadêmicas, é o que parece estar em jogo para as nossas tribos contemporâneas. Importa-lhes menos os objetivos a serem atingidos, os projetos dos mais diversos matizes, sejam eles políticos, sociais ou mesmo econômicos. Ainda seguindo as propostas de Maffesoli (2006, p. 7)

para um delineamento das tribos e suas práticas, ele nos diz o seguinte: “[...] preferem ‘entrar no’ prazer de estar junto, ‘entrar na’ intensidade do momento, ‘entrar no’ gozo deste mundo tal como ele é”. O arcaísmo é traço fundamental na tribo maffesoliana e, para compreendê-la, percebê-la, é necessário considerar manifestações lúdicas, experiências oníricas, histerias comuns encontradas comumente na música *tecno*, nos desfiles urbanos, nas *rave parties*.

Um vitalismo presente não somente em manifestações musicais, mas igualmente na criatividade publicitária, na anomia sexual, na exacerbação do pelo, da pele, no ecologismo ambiente; em suma, em tudo que lembra o animal no humano (MAFFESOLI, 2006). Práticas passíveis de observação na intensidade dos confrontos urbanos de grupos de manifestantes com as forças policiais, agora e em momentos anteriores identificados como tribos por sinais como panos pretos cobrindo parte da face, na crescente popularidade no Brasil e em partes do mundo do esporte atualmente conhecido como *Mixed Martial Arts*, que, até bem pouco tempo atrás, era conhecido pelo muito significativo nome de Vale Tudo. Nesse ponto torna-se possível a aproximação com a Gestão Social quando se percebe que esta é também discutida como projeto político e prática discursiva que questiona ações de uma gestão alicerçada na racionalidade.

Desta forma, ao defendermos gestão social como projeto político, a intenção é politizar a gestão social e colocá-la como prática dialógica capaz de produzir uma crítica à racionalização da sociedade, emancipando-a das armadilhas e da ação colonizadora de uma racionalidade instrumental. (FREITAS; FREITAS; FERREIRA, 2014, p. 1)

A crítica à racionalidade instrumental encontra paralelo na valorização da festa, de todas as situações sociais, nas quais se torna possível encontrar traços do dionisíaco, do jogo e das manifestações de paixões de massa. Em poucas palavras, é possível dizer que um dos pilares de *O Tempo das Tribos* (2006) é a demonstração de que as matrizes de pensamento filosóficas, sociológicas ou mesmo teológicas são propositoras de um universalismo totalizante ancorado num futuro que condena e estigmatiza as festas, os excessos, os jogos e tudo aquilo que demonstre traços dionisíacos como marcas de alienação e desprezo por debates sobre



projetos de progresso social. O noticiário de quaisquer matizes políticos, e seus tons variando da esquerda para a direita, demonstra o quão desgastadas se encontram tais propostas. Segundo Maffesoli (2006, p. 11),

[...] estamos longe do *universalismo* moderno, o do Iluminismo, o do Ocidente triunfante. Universalismo que era, de fato, apenas um etnocentrismo particular generalizado: os valores de um pequeno cantão do mundo extrapolados em um modelo válido para todos. O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social (ênfase no original).

Essa realidade pós-moderna/contemporânea certamente não é ignorada pela Gestão Social e seus pesquisadores. Em sua ramificação mais próxima do real/vivido, aquela dedicada a estruturar práticas de ensino e pesquisa, é possível verificar traços de propostas capazes de estabelecer pontes com as questões tratadas por Maffesoli. Boullosa *et al.* (2010, p. 387), ao discutirem a natureza dos cursos de formação em Gestão Social, dizem que:

[...] parte desses cursos abraçam em suas propostas pedagógicas, práticas de ensino experimentais que buscam integrar as dimensões de intervenção e pesquisa [...] tratam-se de experiências ou vivências extra-curriculares [...] tais como residência social, residência solidária e outros casos de imersão de universitários em situações sociocráticas [...].

Há significativa ênfase no conhecimento vivencial, preocupação de que a formação dos gestores sociais ocorra em contato permanente com as múltiplas possibilidades de configurações sociais. Seus propositores consideram a relevância de aspectos como identidade, comportamentos verbais e não verbais, conhecimentos tradicionais e crenças religiosas. Dentro dessa perspectiva de aspectos específicos de cada contexto, Boullosa *et al.* (2010, p. 390) consideram que cada gestor terá seu trabalho articulado ao contexto em que atua, fato que nos permite estabelecer aproximações com os temas levantados por Maffesoli, ou seja, não há um receituário pronto, uma predefinição totalizante e considera-se aspectos não verbais, quer dizer, o não dito, aquilo que não está na superfície e é capaz de constituir uma considerável rede de força

social subterrânea. Na proposta de Cançado, Pereira e Tenório (2013), fica clara a relação com o *estar-dentro* maffesoliano. A perspectiva da Esfera Pública, alimentada pelo Interesse Bem Compreendido e Emancipação em relação dialética negativa nesse espaço lembra constantemente aos integrantes de o *porquê* eles estão ali e do *como* se portarem nesse espaço.

5.1 A Conquista do Presente

Na segunda das referências, *A Conquista do Presente*, observa-se a estruturação de um olhar para o social que não se estabeleça ancorado no binômio alienação-liberação, que capaz de captar, segundo Maffesoli (2001a, p. 29), “[...] esta vida de todos os dias que, de uma maneira caótica e aleatória, no tédio e na exuberância, prossegue seu caminho de uma maneira obstinada e um tanto incompreensível”. Deve-se ressaltar que tal pensamento não pretende anular as contribuições oferecidas para a compreensão do social, pelas análises de cunho político ou econômico. No entanto, entende-se que elas se mostram impotentes para demonstrar, ou mesmo apreender interpretativamente, minúsculas situações da vida cotidiana, constituinte essencial das variáveis que compõem as complexas redes de relações sociais. Essa é a parte central de sua proposta de interpretação dos fatos sociais, ou seja, a observação de uma rede de relações cotidianas, aparentemente insignificantes para o poder estabelecido, mas capaz de demonstrar aspectos significativos do social. Segundo o autor que ora trata-se:

[...] é certo que ao lado de um político (econômico, ideológico) onipresente e ruidoso, encontramos sempre o que se pode chamar um social que, sendo inteiramente discreto, não é por isso menos impregnante e que assegura de fato a coesão do conjunto. Dessa maneira, supremacias aparentes, poderes indivisíveis não nos devem fazer esquecer que existem outras forças presentes que não se pode deixar de considerar numa análise global. Existem interações múltiplas e inteiramente sutis que não se deixam, *stricto sensu*, reduzir e que é inútil querer negar. Não há dúvida que uma tal perspectiva global foi esquecida e podemos dizer que a *épistémè* ocidental em seu apogeu (cartesianismo, iluminismo, socialismo) teorizou esse esquecimento. (MAFFESOLI, 2001a, p. 40)

Inúmeras situações no cotidiano da sociedade brasileira podem ser trazidas à tona para demonstrar as proposições de Maffesoli. Observa-se um exemplo. A cena é comum a todos os brasileiros que dirigem pelas rodovias ou vias urbanas do país. Depara-se, de acordo com a via em que se trafega, com viaturas das Polícias Militar ou Rodoviária em procedimento não anunciado de vigilância do trânsito. Sem que se saiba e antes de chegar a elas, percebe-se o característico sinal de rápidas piscadas de farol de automóveis que trafegam em direção contrária à nossa; cientes, portanto, da chamada *blitz* policial. Trata-se de pura e simples ausência/fragilidade na educação? Condescendência com o crime? Ou, de acordo com as propostas interpretativas de Maffesoli, uma indiferença às instituições que reconhecidamente não mais representam de maneira adequada significativos segmentos de nossa sociedade? Seria possível ver aí uma resistência subterrânea, uma rede de solidariedade capaz de fazer frente a uma instituição que penaliza, de acordo com dados amplamente divulgados, grupos étnicos e econômicos específicos da sociedade brasileira?

Conquistar o presente, partindo de um *estar-junto* e, igualmente, criar mecanismos para a sua interpretação e apreensão requer a capacidade de perceber que conceitos como dominação, alienação ou mesmo libertação demonstram seus limites à medida que são empregados e testados nas múltiplas situações presentes no cotidiano. Na origem da sociologia de Maffesoli encontra-se um sem número de pensadores das mais diversas áreas que defendem tal proposição. Entre eles, é possível citar Walter Benjamin e sua *Poésie e révolution* (1971) e Herbert Richard Hoggart e sua *La culture Du pauvre* (1970), aos quais remetemos algumas das matrizes do seu pensamento maffesoliano. Nesses trabalhos observam-se argumentações no sentido de se perceber nos quadros sociais uma fragmentação ordenada e, segundo Maffesoli (2001a, p. 57),

[...] não se nega a moral oficial, ela não é atacada, escuta-se até mesmo os discursos daqueles que têm por função defendê-la e exprimi-la, mas a essa moral é contraposto um silêncio polido, uma não-resposta firme a suas diversas solicitações e participações. Existe uma passividade ativa que é bem mais subversiva do que todo ataque frontal.

As possibilidades interpretativas que se originam da matriz maffesoliana permitem abrir um sem fim de questões que comumente são deixadas à margem quando se busca respostas entorno de problemas relacionados à sociedade brasileira e em relação às iniciativas por ela implementadas para equacionar suas deficiências estruturais. Estão devidamente registrados na literatura os resultados de pesquisas demonstrativas de um *continuum* no que diz respeito à participação da população brasileira e todos os seus setores em levantes, motins, rebeliões, sedições, inconfidências, revoltas, protestos, greves e toda e qualquer forma coletiva de reivindicação e enfrentamento de poderes estabelecidos e institucionalizados.

Toda essa carga informacional vem sendo produzida e muito em função de nossas ainda significativamente deficitárias políticas públicas educacionais, permanecem e se fortalecem a cada dia à revelia do senso comum crente na passividade dos brasileiros *de todos os matizes* diante de seus martírios. Exemplos dessa literatura são possíveis de serem encontrados no trabalho de Aquino *et al.* (2012), *Sociedade Brasileira: uma história através dos Movimentos Sociais*, no qual o autor percorre a História do Brasil demonstrando práticas de subversão da ordem a partir das mais variadas motivações: protestos pelos dias santos, pela prostituição, pelo excesso de impostos, pela extinção da escravidão, pelas condições de trabalho e pelo aumento de impostos sobre a cachaça.

No entanto, o que dizer da *aparente* passividade da população brasileira? Sim, a ênfase deve ser dada à palavra *aparente*. Percepção que ela própria, a sociedade brasileira alijada do acesso à sua própria História, ergueu como expressão de ordem durante os protestos ocorridos no Brasil no mês de junho de 2013 por meio da seguinte frase: o gigante acordou. Esse sono, passividade, seria decorrente do desconhecimento de um passado de permanentes lutas ou da inadequada interpretação daquilo que se pode descortinar a partir das propostas observadas na sociologia de Maffesoli? Considera-se, então, para esse quadro de possibilidades, a demonstração do termo *socialidade*, referência para a compreensão do trabalho que ora é tratado, bem como para todo o pensamento do autor:

[...] tudo o que chamamos socialidade está resumida numa fórmula: pratica-se o sistema 'D'¹ em relação a tudo o que parece exterior, seja o oficial ou o dominante, e, ao mesmo tempo, se é firmemente fiel aos valores do grupo ou da rede. A lealdade ao local admite muito bem pequenas trapagens em relação a tudo o que traz o traço do controle social, da ajuda pública, do trabalho, da propriedade privada ou pública. [...] Assim, a vida cotidiana, que apontamos com prudência, é como um território onde se enraízam as alegrias e as amarguras, que na sua banalidade, escapam amplamente aos críticos de todos os tipos que sempre transferem para uma sociedade perfeita os prazeres mais simples. (MAFFESOLI, 2001a, p. 68)

Quais seriam as propostas de um modelo de gerenciamento, a Gestão Social, que se apresenta como proponente de novos paradigmas e igualmente portadora de rupturas com as tradições da ciência Administração, que se propõe a lidar com as questões complexas apresentadas pelas sociedades contemporâneas capazes de não ignorar todo o quadro apresentado por Maffesoli? Quais seriam as propostas e metodologias para gerenciar o silencioso poder subterrâneo gerador de resistências, de indiferença a instituições que perderam há muito a capacidade de representação? Analogias como a que dá título a esse trabalho não são inéditas no campo da Gestão Social, como também não são inéditos os questionamentos cuja proposta primeira é alertar para possíveis contradições que crescem em seu interior à medida que se ampliam as discussões em seu entorno.

Boullosa e Schommer (2010) mencionam o Enigma de Lampedusa numa alusão ao italiano Giuseppe Tomasi de Lampedusa que, em uma de suas principais obras, redigida ainda na primeira metade do século XX, *O Leopardo*, trata do tema muito relevante a toda a comunidade europeia daquele período: a circulação das elites. A analogia é utilizada pelas autoras para fundamentar suas hipóteses, quatro, relacionadas àquilo que entendem ser uma contribuição para a construção de um olhar crítico ao fato de que a Gestão Social, segundo sua interpretação, está se tornando, em função de sua precoce institucionalização, “[...] um produto supostamente inovador e não como processo de inova-

ção de processos de governo de transformação social” (BOULLOSA; SCHOMMER, 2010, p. 90). Diversas referências são feitas à literatura e à mitologia grega por Tenório (2008a; 2008b) no sentido de construir um entendimento sobre a Gestão Social.

A Esfinge, presente no imaginário popular graças às constantes referências feitas a ela em documentários, programas dedicados ao turismo, citações e até mesmo em *cartoons* é comumente relacionada à cultura egípcia por uma associação instantânea à Esfinge de Gizé. No entanto, a Esfinge proponente de enigmas, que custariam a vida de seus inquiridos, tem origem na Grécia e segundo Bulfinch (2002, p. 152),

[...] a cidade de Tebas viu-se afligida por um monstro, que assolava as estradas e era chamado de Esfinge. Tinha a parte inferior do corpo de leão e a parte superior de uma mulher e, agachada no alto de um rochedo, detinha todos os viajantes que passavam pelo caminho, propondo-lhes um enigma, com a condição de que passariam sãos e salvos aqueles que o decifrassem, mas seriam mortos os que não conseguissem encontrar a solução.

Seria a Gestão Social capaz de decifrar adequadamente os enigmas propostos por nosso tempo? Em que medida seria ela capaz de buscar nas ferramentas interpretativas ofertadas pela sociologia de Maffesoli suporte para desenvolver estratégias eficazes em gerenciar situações sociointeracionais complexas geradas pela chamada contemporaneidade? De acordo com Cançado (2013), a tomada de decisão coletiva é o único consenso do que vem a ser a Gestão Social, que, nessa perspectiva, traz algumas características que a aproximam da *conquista do presente* maffesoliana. A tomada de decisão coletiva, por mais imprecisa e imperfeita que seja, representa, em última instância, que o indivíduo tem a oportunidade da construção do hoje, do agora. Independentemente de essa oportunidade ser ou não aproveitada, sua existência por si só já demonstra a possibilidade real de construção coletiva da realidade, em que o *devoir* é considerado, mas que o contemporâneo também tem sua força. Mais ainda, o indivíduo que tem a chance de tomar decisões, mesmo que não o faça, passa a ser corresponsável pelos seus desdobramentos. Nesse caso, a participação direta, e não por meio da representação, aproxima a Gestão Social da *conquista do presente*.

¹ Em nota, o tradutor da edição brasileira de *A Conquista do Presente*, cuja edição data de 2001, Alípio de Souza Filho, nos esclarece que, para o francês, o “système D” corresponde ao que no Brasil se faz referência ao *jeitinho*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se, aqui, que um dos principais desafios da Gestão Social será atingir o pleno entendimento de à qual temporalidade ela objetivará se atrelar. As ferramentas gerenciais que desenvolve, suas metodologias de ensino e pesquisa partirão da perspectiva de que as intervenções por ela propostas objetivarão pura e simplesmente uma revolução ancorada num devir que não se pode precisar? Nesse sentido, pode-se dizer que ela não se diferenciara das proposições filosóficas e teológicas mencionadas ao longo deste texto. Trabalhará na perspectiva de aperfeiçoamento de técnicas gerenciais que se contentarão em repetir as linhas de uma cartilha já exaustivamente conhecida cujos versos repetem à exaustão, como um mantra capaz de levar ao transe crentes em paraísos cantantes nunca antes vistos na História da humanidade: liberdade, participação, democracia, emancipação, igualdade?

A tentativa de aproximar a Gestão Social da sociologia proposta por Michel Maffesoli objetiva oferecer novas possibilidades de apreensão das questões atuais, das especificidades organizacionais das sociedades contemporâneas. É preciso, porém, deixar claro que quando se menciona a palavra organizacional não se faz menção a configurações resultantes de intervenções das formalidades da Gestão nos moldes acadêmicos. Refere-se àquelas organizações marcadas pela espontaneidade, que se formam a partir de relações de bairros, de frequência às feiras, de partilha de transportes coletivos. Percepções que concluem de maneira muito clara que se faz parte de um grupo cuja força no campo das disputas e legitimações sociais é inferior e que, por isso, é necessário desenvolver o cinismo ácido das piadas que ridicularizam o poder estabelecido, o corpo mole que sabotava as tentativas de alcance de altos padrões de produtividade, a impontualidade nas reuniões em instituições que nitidamente perderam seu significado como pertencentes e partes de coletividades.

Entende-se que a Gestão Social deve estar atenta ao silêncio ruidoso das massas que aparentemente se demonstram desconexas das chamadas *grandes questões de nosso tempo*. Atenta a ouvir a vida como ela é e evitar a repetição mal sucedida de *propor um mundo como deveria ser*. Não estariam elas, as *grandes questões de nosso tempo*, por sua vez, manifestando-se nas subestimadas e mal interpretadas *questões*

menores? Questões envolvendo o lazer e o *estar-junto*, propostos por Maffesoli, desconectados de qualquer projeto ancorado num futuro incerto não estão na raiz dos grandes encontros de jovens das periferias nos exclusivos, muito bem iluminados e seguros *shopping centers*, bastiões impenetráveis reservados a uma elite ávida por consumir sinais de distinção social –perencimento a uma tribo? Tais encontros ocuparam as páginas do noticiário dos meses de dezembro de 2013 e janeiro de 2014; tamanho foi seu impacto que gerou entrevistas em cadeia nacional de alguns dos mais altos mandatários de regiões do país onde se concentram a maior parte dos *shoppings centers*.

O evolucionismo histórico, a caminhada à luz da racionalidade científica em direção a um mundo perfeito, pleno na igualdade entre os homens, ausente de injustiças, é, sem dúvida alguma, um belíssimo ideário que deve ser perseguido incessantemente. Entretanto, mesmo os seus mais ferrenhos proponentes e defensores concordam que ele não se realizará amanhã. Porém, amanhã o homem comum reiniciará uma rotina de todos os dias. Transporte precário, violência urbana, trabalho precário, alimentação inadequada, moradia inadequada. A esse homem não é possível negar o paraíso. Mesmo porque ele já o constrói, de acordo com a sociologia de Maffesoli, em seu cotidiano. Fazer-lhe crer, e quase é possível ouvir participar, em projetos ancorados em um devir que lhe é, muitas das vezes, incompreensível, é ceder a todo um ideário que, parafraseando Maffesoli, nasceu em um cantão do mundo e a forças se tenta transformá-lo em um grande e único *modus operandi* global.

À Gestão Social ficam os ensinamentos da mitologia grega, com sua multiplicidade de deuses, tão reluzentes e imperfeitos quanto nosso tão brasileiro deus da bola, já citado neste texto. Não casualmente o enigma da esfinge diz respeito às temporalidades do homem. Disse ela: qual é o animal que de manhã anda com quatro pés, à tarde com dois e à noite com três? Édipo prontamente lhe respondeu: é o homem, que engatinha na infância, anda ereto na juventude e com a ajuda de um bastão na velhice. Ou seja, adequa-se constantemente ao tempo e circunstâncias interiores de seu organismo para melhor locomover-se no tempo externo que o afeta de diferentes maneiras; com o passar dos anos, adapta-se.



Contudo, mesmo tendo respondido ao Enigma da Esfinge e por isso se tornado rei pela gratidão de seu povo por ter derrotado tão fantástico monstro, Édipo, pelo desconhecimento de quem eram seus progenitores, vê-se igualmente assassino de seu pai e marido da própria mãe. Quando Tebas é assolada pela peste, seus moradores consultaram o Oráculo e a eles foi revelado o duplo crime de Édipo. Jocasta, sua mãe e esposa, pôs fim à própria vida e Édipo, enlouquecido, furou os olhos e fugiu de Tebas. Mesmo os grandes feitos não são, de acordo com a mitologia grega, suficientes para nos garantir um futuro no qual resida a certeza plena da felicidade.

A linearidade da História, que nos conduziria todos a um final feliz pleno de igualdades, seduz e seduzirá a parcelas significativas da academia, dos movimentos sociais e de diversos praticantes de determinadas vertentes religiosas. Tamanha é sua força que influencia até mesmo os folhetins televisivos das maiores emissoras do país, tomadas por historietas plenas de finais felizes. À Gestão Social, entende-se, resta decifrar o enigma de seu tempo sem que com isso se mantenha inflexível e insensível às sutilezas sociais e certa de que a resposta correta a enigmas não será a ponte para um paraíso cantante pleno de igualdade e participação.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Rubim Santos Leão *et al.* **Sociedade brasileira**: uma história através dos movimentos sociais. São Paulo: Record, 2012.
- BENJAMIN Walter. **Poésie e révolution**. Paris: Denöel, 1971.
- BOULLOSA, Rosana de Freitas; SCHOMMER, Paula Schies. Gestão Social: caso de inovação em políticas públicas ou mais um Enigma de Lampedusa? In: RIGO, Ariádne Scalfoni *et al.* (Org.). **Gestão social e políticas públicas de desenvolvimento**: ações, articulações e agenda. Recife: UNIVASF, 2010. Coleção ENAPEGS, v. 3, p. 64-97.
- BOULLOSA, Rosana de Freitas *et al.* Avaliação participativa de práticas de ensino que vinculam intervenção e pesquisa em programas de formação em Gestão Social. In: RIGO, Ariádne Scalfoni *et al.* (Org.). **Gestão social e políticas públicas de desenvolvimento**: ações, articulações e agenda. Recife: UNIVASF, 2010. Coleção ENAPEGS, v. 3, p. 40-57.
- BOULLOSA, Rosana de Freitas; BARRETO, Mariana Leonesy da Silva. A Residência Social como experiência de aprendizagem situada e significativa em cursos de gestão social e gestão pública. **NAU – Revista Eletrônica da Residência Social do CIAGS/UFBA**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 181-202, jun.-nov. 2010.
- BULFINCH, Thomas. **O Livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- CANÇADO, Ailton Cardoso. Gestão social: um debate para a construção do campo. **NAU – A Revista da Residência Social**, Salvador, v. 4, n. 6, p. 191-209, maio-out. 2013.
- CANÇADO, Ailton Cardoso; PEREIRA, José Roberto; TENÓRIO, Fernando Guilherme. **Gestão Social**: epistemologia de um paradigma. Curitiba: CRV, 2013a.
- _____. Fundamentos Teóricos da Gestão Social. In: TRANSFORMARE, 4, 2014, Paris. **Anais...** Paris: ISC, 2014. p. 84-117.
- _____. Gestão social: um debate para a construção do campo. **NAU – A Revista da Residência Social**, Salvador, v. 4, n. 6, p. 191-209, maio-out. 2013b.
- CANÇADO, Ailton Cardoso; TAVARES, Bruno; DALLABRIDA, Valdir Roque. Gestão social e Governança Territorial: interseções e especificidades teórico-práticas. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Territorial, G&DR**, Taubaté, SP, v. 9, n. 3, p. 313-53, set.-dez. 2013.
- CARRION, Rosinha. A contribuição da Gestão Social para o Desenvolvimento. In: SILVA Jr., Jeová Torres; TENÓRIO, Fernando Guilherme; CANÇADO, Ailton Cardoso (Org.). **Gestão social**: aspectos teóricos e aplicações. Ijuí: Unijuí, 2012. p. 261-272.
- DA COSTA, Lamartine P. O Brasil no espelho de Maffesoli. **LOGOS – Comunicação e Universidade**, UERJ, Rio de Janeiro, Homenagem a Michel Maffesoli, ano 4, n. 6, p. 7-11, 1º semestre, 1997.
- DOWBOR, Ladislau. Crises e oportunidades em Tempos de Mudança. In: SILVA Jr., Jeová Torres; TENÓRIO, Fernando Guilherme; CANÇADO, Ailton Cardoso (Org.). **Gestão social**: aspectos teóricos e aplicações. Ijuí: Unijuí, 2012. p. 227-260.

FREITAS, Alan Ferreira de; FREITAS, Alair Ferreira de; FERREIRA, Marco Aurélio. Gestão Social como projeto político e prática discursiva. In: ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GOVERNANÇA – ENPAG, 6, 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, MG: ANPAD, 2014. p. 58- 89.

FUKUYAMA, Francis. **O Fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOGGART, R. **Laculture du pauvre**. Paris: Éd. de Minuit, 1970.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dioniso: contribuição a uma sociologia da orgia**. São Paulo: Zouk, 1991.

_____. **A Conquista do presente**. Natal: Argos, 2001a.

_____. **A Violência totalitária**. Porto Alegre: Sulina, 2001b.

_____. **A Parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. Prefácio à edição brasileira. In: MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. VII-XIX.

PERES JR., Miguel Rivera; PEREIRA, José Roberto. Abordagens teóricas da Gestão Social: uma análise de citações exploratória. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, abr.-jun. p. 221 -236, 2014.

RICOEUR, P. **O Conflito das interpretações**. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

_____. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

RIGO, Ariádne Scalfoni *et al.* (Org.). **Gestão social e políticas públicas de desenvolvimento: ações, articulações e agenda**. Recife: UNIVASF, 2010. Coleção ENAPEGS, v. 3.

SAYAGO, Doris A. Villamizar. Os novos protagonistas e as novas lideranças da Gestão Social participativa. In: SILVA Jr., Jeová Torres; TENÓRIO, Fernando Guilherme; CANÇADO, Airton Cardoso (Org.). **Gestão Social: aspectos teóricos e aplicações**. Ijuí: Unijuí, 2012. p. 273-294.

SILVA, Juremir Machado da. Michel Maffesoli, o pensador da vida. **LOGOS – Comunicação e Universidade**, UERJ, Rio de Janeiro, Homenagem a Michel Maffesoli, ano 4, n. 6, p. 45-47, 1º semestre, 1997.

SILVA JR., Jeová Torres; TENÓRIO, Fernando Guilherme; CANÇADO, Airton Cardoso (Org.). **Gestão Social: aspectos teóricos e aplicações**. Ijuí: Unijuí, 2012.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. A interpretação hermenêutica em Paul Ricoeur: uma possível contribuição para a educação. **Comunicações**, Piracicaba, ano 18, n. 2, p. 19-36, jul.-dez. 2011.

SOUZA, Filho. Alípio. Prefácio da edição brasileira. In: MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do presente**. Natal: Argos, 2001. p. 9-11.

TENÓRIO, F. Guilherme. **Tem razão a administração?** 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2008a.

TENÓRIO, F. Guilherme. **Um espectro ronda o terceiro setor, o espectro do mercado**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2008b.

WEBER, Max. **A política como vocação**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2002.